

A Produção Jornalística em Zonas de Conflito¹

Jennifer Bauer EME²

Maria Luiza Cardinale BAPTISTA³
Universidade de Caxias do Sul, RS

Resumo

O presente artigo pretende analisar as matérias produzidas em zonas de conflito. Em um primeiro momento, mostrar como o jornalista se comporta diante dessas situações e como efetua seu trabalho correndo risco iminente de perigo. Em um segundo momento, abordar a amorosidade presente nessas narrativas, apresentando o jornalista como um profissional contador de histórias reais, e a preocupação com a forma que escreve sobre o outro e para o outro. O estudo tem ainda como objetivo analisar, além da postura do comunicador, a interação dele com o ambiente e com os sujeitos habitantes do lugar. E também, a possibilidade de se reinventar existente no jornalista, conceituando assim sua autopoiese.

Palavras-chave: jornalismo; narrativas; zona de conflito; autopoiese.

Introdução, objetivo e justificativa

O presente estudo analisa, a partir de levantamento bibliográfico, os relatos de comunicadores que estiveram presentes na situação extrema da zona de conflito, visando à discussão sobre a importância e os desafios da produção jornalística em uma condição como esta. Trata-se de produção vinculada ao grupo de pesquisa AMORCOMTUR! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese, da Universidade de Caxias do Sul (CNPq - UCS), coordenado pela professora doutora Maria Luiza Cardinale Baptista.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduanda do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul, integrante do Amorcomtur! Grupo de Estudo em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (UCS) e Bolsista de Iniciação Científica (BIC/UCS) vinculada ao Programa de Mestrado em Turismo da UCS (RS).
E-mail: jbauer.eme@gmail.com

³ Jornalista, pela UFRGS, mestre e doutora em Ciências da Comunicação. Pela ECA/USP. Professora e pesquisadora do Programa de Mestrado em Turismo da UCS (RS) e do Curso de Comunicação Social. Coordenadora do Amorcomtur! Grupo de Estudo em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (UCS) e integrante do Filocom (ECA/USP). Diretora da Empresa Pazza Comunicazione, de Porto Alegre. E-mail: malu@pazza.com.br

O objeto de pesquisa surgiu das participações da bolsista no Grupo, onde suas falas demonstraram seu interesse pela guerra e a visão da importância dos profissionais da comunicação em zonas de conflito.

É importante ressaltar que o estudo está em fase inicial. Pretende-se discutir aspectos relativos ao contato entre o jornalista e as fontes, no encontro humano de sujeitos em locais de conflitos sociais. Igualmente, a pesquisa propõe a discussão sobre o que é importante informar nas narrativas jornalísticas decorrentes das zonas de conflito.

Os conflitos sociais são cada vez mais frequentes nas sociedades contemporâneas. Às vezes, eles são decorrentes da movimentação dos sujeitos que permeiam diversas culturas e levam consigo a sua própria construção e visão de mundo. Assim, ao se encontrar em uma realidade que não é sua, o sujeito tende a impor sua posição, causando no outro um estranhamento, e em si mesmo um acionamento para a autoinvenção.

Diante disso, o jornalista se coloca como contador de histórias desses conflitos também. É nesse contexto que se constrói a pesquisa. A desterritorialização⁴ do jornalista provoca (como qualquer outro deslocamento) uma mudança de perspectiva, uma alteração estrutural individual interna, tendo em vista que a cultura do profissional também entra em conflito com a que é encontrada no local e expressada pelos habitantes. Leva-se em conta o papel social do jornalista, que – nesse caso – tem a função de 'ponte' entre o fato e a sociedade que não o presencia diretamente.

O conceito de desterritorialização é aplicado aqui não somente como deslocamento geográfico feito pelo viajante, mas também como o movimento de se colocar no lugar do outro. O jornalista precisa considerar a posição de quem é “proprietário” da história, e preocupar-se com o seu receptor, tendo, assim, que se colocar em dois lugares diferentes durante a produção jornalística.

O cargo de repórter é considerado por profissionais da área como o lado mais romântico da profissão, na prática, o mais perigoso. Pessoalmente, representa uma temática importante que possibilita uma produção investigativa autopoiética.

Com a função de disseminar a informação, de contar os fatos à sociedade, o jornalista consegue testemunhar de forma privilegiada - já que é um dos únicos personagens a ter acesso a relatos de todos os lados com diferentes pontos de vista - o acontecimento. Portanto, precisa ter cuidado ao construir as narrativas que chegarão às pessoas. A pesquisa aborda a

⁴ Conceito apresentado pela orientadora com base nos conceitos da Esquizoanálise, onde se tem como entre outros autores Guies Deleuze e Félix Guattari. Neste artigo o conceito faz referência ao movimento feito pelas pessoas, porém não dentro de um espaço geograficamente determinado. Aqui o conceito está destinado a explicar o exercício de movimentação do 'eu' para o 'outro'.

necessidade de uma reflexão na base do fazer jornalístico, é preciso “reconhecer o Outro como legítimo Outro, na convivência” (MATURANA, 1998), e, no caso do comunicador, se desterritorializar até o dono da história, mas também viajar até o lugar de quem receberá a notícia.

Em uma sociedade plena de conflitos como a contemporânea, essa ‘viagem’ se torna ainda mais complexa. Tem-se aqui a visão de conflitos como o choque entre culturas, o encontro de sujeitos cada vez mais comum em um mundo onde as pessoas se movimentam intensamente, diferenciação de princípios e imposições de pensamentos que levam a interpretação jornalística individual. Para que essa interpretação seja o mais coerente possível, ou seja, com o mínimo de interferências pessoais, é necessário que o jornalista respeite as peculiaridades dos sujeitos envolvidos nessas situações. Dessa forma, a construção das narrativas preservará a veracidade dos fatos, garantindo também a imparcialidade do profissional.

Desde o início da Modernidade, o jornalismo vem assumindo o caráter mercadológico atual. Com a invenção da indústria midiática, a comunicação teve que incorporar as demandas de lucratividade em seus processos. Logo, “O jornalismo, neste sentido, foi ‘contaminado’ pela síndrome da realidade objetivada, transformada em objetos factuais. Assim, o que devia ser considerado jornalístico eram os ‘fatos jornalísticos’.” (BAPTISTA, 2012, pág. 94). Acredita-se que essa “peça de engrenagem” colocada em meio à subjetividade comunicacional possa ter prejudicado esse processo de construção da informação.

Em síntese, é afirmar que do ponto de vista da amorosidade, a comunicação se dá através dos meios de comunicação sem receber o tratamento que a deixe capaz de afetar o receptor, mesmo que o fato seja composto por narrativas com conteúdo tristes.

O estudo pretende analisar o tratamento destinado às narrativas de conflito pelo veículo de comunicação responsável pela veiculação. Mas neste primeiro momento, o interesse da pesquisadora é apresentar como o trabalho jornalístico desenvolvido em zonas cercadas de perigo pode promover no profissional um encontro com o Outro e, por vezes, com ele mesmo. E como esse encontro pode funcionar como um acionamento de autopoiese no jornalista.

Referencial teórico e metodologia

O referencial teórico é composto por análises de relatos de jornalistas que trabalharam em coberturas de conflitos sociais. Esses relatos são encontrados principalmente em “livro-reportagem”:

O livro-reportagem é um veículo de comunicação jornalística bastante conhecido nos meios editoriais do mundo ocidental. Desempenha um papel específico, de prestar informação ampliada sobre fatos, situações e ideias de relevância social, abarcando uma variedade temática expressiva. (LIMA, 2004, pág. 1)

Produções de narrativas com profundidade, esses livros apresentam histórias contadas a partir do detalhamento da expressão das vivências da zona de conflito. São histórias que geralmente não aparecem nos meios de comunicação massivos tradicionais.

Como exemplos de livro-reportagem, pode-se citar o livro de Lourival Sant’Anna *Viagem ao mundo dos Taleban*, onde o repórter relata sua ida ao Oriente Médio, logo após os ataques do onze de setembro de 2001. Lá, o jornalista se hospeda em casas de nativos, tendo em seu tradutor, não somente uma fonte, mas também um amigo, um companheiro com quem dividira as complicações e os riscos pelos quais passava em cada coleta de material. A forte relação de amizade entre Lourival e Iqbal (guia e tradutor) pode ser notada em muitos momentos do relato, mas em certas ocasiões a presença e opinião de Iqbal adquire importância até mesmo para a construção das repostagens.

Fiz a mesma pergunta várias vezes, com as mesmas ressalvas, e as entrevistas se converteram num pequeno brain storm, do qual participaram também alguns dos homens que já estavam lá quando chegamos. As opiniões foram variadas e a atmosfera me pareceu - e a Iqbal - relaxada e serena o suficiente para acreditar que eles estavam dizendo o que realmente sentiam. (SANT’ANNA, 2002, pág. 149).

Nota-se que a presença do nativo impõe ao comunicador uma confirmação de pensamento de um povo com hábitos desconhecidos, e que ter alguém que garanta a integridade dos fatos com legitimidade estreita a aproximação entre os sujeitos.

Outro exemplo é a obra *O gosto da guerra*, escrita por José Hamilton Ribeiro, contando a cobertura da Guerra do Vietnam e também seu acidente em um campo minado. Ribeiro acompanhava o exército dos Estados Unidos há vinte dias, quando pisou em uma mina que lhe amputou metade da perna esquerda.

Sentia na boca um gosto ruim, como se tivesse engolido um punhado de terra, pólvora e sangue - hoje eu sei, era o gosto da guerra. Cuspia, cuspiam, mas aquela gosma amarga permanecia na boca. Então senti um repuxão violento na perna esquerda e só aí tive consciência de que a coisa era comigo. (RIBEIRO, 2005, pág. 20).

A partir desse momento o diário é feito do hospital, narrando o sofrimento de estar longe dos familiares, da sua terra, dos seus princípios, e também de como a companhia de outras pessoas até então desconhecidas foram importante para a sua recuperação. O jornalista fala ainda de como foi a sensação de retornar ao Vietnã vinte anos depois da cobertura.

Como um terceiro exemplo cita-se o livro *O Clube do Banguê Banguê*, escrito por Greg Marinovich e João Silva, que conta a trajetória dos autores - fotojornalistas - juntamente com mais dois colegas de profissão, Ken Oosterbroek e Kevin Carter, na cobertura da Guerra do Apartheid, na África do Sul, durante quatro anos. O relato permite perceber questões pessoais envolvidas na escolha da profissão e a dificuldade em lidar com os próprios conflitos internos. O livro também aborda a amizade existente entre os quatro formadores do clube, e como essa afetivação auxiliou-os em muitos momentos em que só podiam se ater neles mesmos.

Éramos todos brancos de classe média, mas fomos para aqueles distritos negros e com os quais não tínhamos nenhuma familiaridade por razões muito diferentes e por caminhos contrastantes. Ao longo dos anos encontraríamos um solo comum em nossas experiências compartilhadas e nos tornaríamos amigos. (MARINOVICH, 2002, pág. 72).

Outro fato relevante a ser destacado quanto aos acontecimentos citados neste livro, é que eles aconteceram na mesma sociedade onde os fotojornalistas viveram praticamente toda sua vida. Era difícil acreditar, por algumas vezes, que todo aquele horror estava acontecendo no mesmo lugar que um dia fora tranquilo e bom pra se morar. Esse fato só fortaleceu mais ainda a cumplicidade entre os profissionais. “Por causa dessa sensação de sermos estranhos na sociedade onde tínhamos crescido e de pertencemos a um mundo secreto é que criamos um círculo de amigos.” (MARINOVICH, 2002, pág. 80).

Em todos os livros-reportagem tidos como referência para a escrita deste artigo notou-se a forte influência das fontes no trabalho jornalístico. Ora pelo fato de que se não fosse pelo auxílio da fonte a pauta não seria cumprida, ora pelo fato da fonte ser o único presente com quem se tinha contato além do profissional. Muitas vezes o ‘nativo’ que se dispunha a dar assistência ao comunicador também era o único a passar por dificuldades com ele, a escutar

os lamentos de alguém cansado e passando pelo estranhamento de estar em um ambiente que não é o seu.

Outro ponto interessante é a forma como o jornalista se encontra com as singularidades da cultura onde ele está. Aberto a entender o que acontece naquele território, percebe-se que o profissional consegue ser amoroso com o outro.

Lembra-se que na pesquisa o ‘amor’ é aplicado no sentido de “reconhecer o Outro como legítimo Outro na convivência” (MATURANA, 1998). Ou seja, respeitar as diferenças do outro, e assim reconhecê-lo como sujeito também atuante da realidade.

A importância deste conceito no âmbito da comunicação nos faz (re)pensar a profissão. Se o comunicador tem a importância de ser além de tudo formador de opiniões, e como citado neste artigo, agente transformador da realidade, é preocupante que este jornalismo atual seja feito tão descuidadamente. É preocupante que as notícias estampadas nos veículos de comunicação não reconheçam os sujeitos, personagens da história, com suas diferenças e singularidades.

Por fim, é nessa desterritorialização, no encontro com as singularidades dos sujeitos que o jornalista aciona seu sentido autopoietico. Sendo capaz de reinventar-se ao voltar para seu ambiente de origem.

Para a construção do estudo, está sendo realizado levantamento bibliográfico, com seminários teóricos que acontecem durante os Encontros Caóticos da Comunicação e do Turismo⁵. Em um segundo momento, a observação sistemática de coberturas jornalísticas envolvendo conflitos cotidianos, apresentados nos jornais da região: Pioneiro e Zero Hora, ambos pertencentes ao Grupo RBS. Além das análises dos relatos jornalísticos de cobertura de zonas de conflitos, contidos nos livros-reportagem.

Em um terceiro momento a pesquisa se voltará à coleta de entrevistas com jornalistas que estiveram em zonas de conflito produzindo comunicação para um veículo. A importância de questionar um profissional sobre como é trabalhar todos os dias com a presença do risco é indispensável para entender o processo de autopoiese que brota do encontro de sujeitos.

Para análise do material coletado, considera-se o Jornalismo em sua dimensão complexa, sistêmica, amorosa e autopoietica, buscando elementos de reflexão sobre a sua produção em situações extremas. Encontram-se nessas perspectivas as teorias do Jornalismo

⁵ Os Encontros Caóticos da Comunicação e do Turismo são reuniões semanais do AMORCOMTUR!. Os Encontros funcionam no formato de roda de conversa segundo a concepção teórica de Paulo Freire. Os estudantes são mobilizados, pela líder do grupo, para a produção científica na Academia. Além disso, os encontros tem uma estrutura horizontal, ou seja, a fala da professora não se sobrepõe a dos outros pesquisadores, pois todos tem direito igual à palavra.

com ênfase no Jornalismo Literário Avançado, de Edvaldo Pereira Lima, princípios de amorosidade presentes em Humberto Maturana e Maria Luiza Cardinale Baptista.

Posteriormente, o estudo se propõe a discutir narrativas de coberturas de conflito documentadas em jornais impressos, para que se tenha uma comparação do que é retratado pela grande imprensa com o que aparece nos livros de relatos pessoais de jornalistas que pisaram nesses lugares.

Resultados e Considerações

Mesmo em fase inicial percebem-se, nas análises, as características contidas nos profissionais da área, e que são essas características responsáveis por acionar o desejo de estar inserido na situação de perigo, retratando a realidade do local. São características como a obstinação, a determinação do jornalista, exercício de superação de si mesmo, capacidade de sobreviver em condições adversas e o respeito às diferenças.

Todo repórter é também um aventureiro. Está sempre de espírito preparado para conhecer e enfrentar situações novas e aventuras. E o Vietnã era uma grande, uma fantástica aventura. Além disso, duas outras razões me fizeram aceitar a viagem. Uma, porque eu queria ver para crer. Estava achando muito estranha aquela história do mais poderoso Exército do mundo estar atolado na lama por conta de meia dúzia de guerrilheiros esfarrapados. Outra, porque, a essa altura, falava-se que o governo brasileiro pretendia mandar para o Vietnã uma missão militar com o objetivo de avaliar se o Brasil devia embarcar naquela canoa, em socorro do “mundo livre” tão ameaçado e tão desprotegido por lá. Eu ia por tento nessas duas coisas. (RIBEIRO, 2005, pág. 40-41).

Diante do risco iminente, o profissional se depara com novos dilemas. Mudam seus princípios e isso ocorre justamente por estar em contato com o Outro, com outros universos de referência. Com isso, se levanta outra discussão importante, além do respeito ao Outro, o quanto a identidade pessoal do jornalista é afetada diante ao presenciar essas situações. Como ser que se movimenta, e, que acima de tudo transita de forma sutil em todos os ambientes, o comunicador tem suas percepções transformadas todos os dias. Sua estrutura individual está em construção constante. “A constante exposição à guerra começou a nos afetar.” (MARINOVICH, 2002, pág. 135). Mas para o jornalista que cobre conflitos, sejam eles de natureza política, cultural, econômica, ou que envolvam violência explícita ou implícita, essa transformação pode afetar seriamente o psicológico do profissional. Sendo causadoras de transtornos graves.

Boas fotos. Tragédia e violência certamente geram imagens poderosas. É para isso que somos pagos. Mas cada uma dessas fotos tem um preço: parte da emoção, da vulnerabilidade, da empatia que nos torna humanos se perde cada vez que o obturador é disparado. (MARINOVICH, 2002, pág. 198-199).

Ao analisar os relatos feitos por jornalistas que se arriscam, foi possível perceber o valor e as peculiaridades da profissão. A criação de uma identidade individual se dá pelo convívio em sociedade, pelo compartilhamento humano através da linguagem. Então, em cada encontro, em cada troca de experiência, todos os participantes saem transformados. O que se precisa refletir é que, com o jornalista, acontece o mesmo. O profissional da comunicação não está blindado a essas mudanças, por ter um ofício que se produz sempre em condições extremas, de tempo, de vida, em busca de garantir, através da informação de qualidade, o respeito aos interesses sociais.

Referências

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Jornalismo Amoroso. Quem quer (a)provar?**. REBEJ – Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo. Ponta Grossa, v.1, n.9, p. 93-118, jan. a jun. 2012.

_____. **Afetiv(Ações) do Texto-Trama no Jornalismo: Ensino e produção de textos jornalísticos e científicos, em tempos de caosmose midiática.** FORUM DE PROFESSORES DE JORNALISMO. Ponta Grossa, 2013.

_____. **Caosmose e Afetiv(Ações) Inscricionais do Acontecimento Comunicacional Amoroso.** ENCONTRO NACIONAL DA REDE DE GRUPOS DE PESQUISA. Natal, 2013.

BERGER, Christa. **Campos em confronto: a terra e o texto.** Porto Alegre: Ed. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** 2. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1997. 256 p.

MARINOVICH, Greg; SILVA, João. **O Clube do Banguê-Banguê: instantâneos de uma guerra oculta.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 318p.

MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagem na educação e política.** Belo Horizonte: UFMG, 1998. 103 p.

_____; GARCÍA, Francisco J. Varela. **De máquinas e seres vivos: autopoíese, a organização do vivo.** 3. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 1997. 138 p.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** São Paulo: Unicamp - Faculdade de Educação, 1993. 271p.

RIBEIRO, José Hamilton. **O gosto da guerra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. 129 p.

RIFIOTIS, T. **Violência policial e imprensa**: o caso da Favela Naval. São Paulo in *Perspectiva*, v. 13, n. 4, p. 28-41, 1999.

SANT'ANNA, Lourival. **Viagem ao mundo dos Taleban**. São Paulo: Geração Editorial, 2002. 247 p.